



Todo carnaval tem seu fim!

Por Alexandre Silveira

E fevereiro chega com um gosto de ressaca pandêmica, de boca seca de tanto falar “vai passar!” e com a máscara de “Feliz e Forte” amassada, desbotada e meio sem brilho. E como diz a canção da banda Los Hermanos cujo título emprestei para intitular esse edital, começa com versos que vão nesse sentido...

“Todo dia um ninguém José acorda já deitado; Todo dia, ainda de pé, o Zé dorme acordado”

Nossa maquiagem de trabalhadores e trabalhadoras, ainda que borrada, persiste marcando em nossos rostos uma resistência que, muitas vezes, nem sabemos a quê. Nossa fantasia de Joãos, Marias e Josés, encardidas de coronavírus e bolsonices insanas, cobrem nossos corpos que ainda vivem e se colocam pra festiva batalha pelo pão de cada dia. Verdade é que muitas fantasias foram usadas de mortalhas para os corpos que não resistiram e ficaram pelo caminho.

Fevereiro este ano... novamente neste ano... a gente ainda não vai poder pular nas ruas a nossa alegria de fuga das opressões costumeiras... Não poderemos experimentar o calor da liberdade despida de preconceitos e falsas moralidades, despreocupados dos problemas, das contas a pagar e do cotidiano descolorido das desigualdades da vida... Não podemos nos fantasiar de uma felicidade eterna, ainda que sempre acabe na quarta-feira... “Mas o dia insiste em nascer, Pra ver deitar o novo”, diz a canção.

O novo ano que começa depois do Carnaval, começou em 2020 e não terminou... estamos presos nas ondas da pandemia, dos desmandos de um governo indecente, do projeto político para o aumento da desigualdade, do isolamento humano que, nem sempre, significa isolamento social como medida de segurança sanitária. Os dias têm insistido em nascer, mas nada de novo tem surgido desde que tudo isso começou... somente gente secando gelo e apagando fogo com gasolina.

Mas o poeta nos adverte em sua canção dizendo que “Toda rosa é rosa porque assim ela é chamada; Toda bossa é nova e você não liga se é usada”.

Será que nós perdemos a vontade de entender a razão das coisas? Será que nós perdemos a capacidade de perceber que sempre há outra versão para as histórias que nos são contadas? Será que perdemos o interesse em transformar o que não nos favorece?

“Todo Carnaval tem seu fim!”

Não podemos aglomerar de graça em nossas festas de rua, mas se pagarmos ingressos nas festas privadas, aí é permitido!

Não temos direito ao feriado de Carnaval, mas podemos aglomerar em transportes públicos para irmos para escola e para o trabalho!

Não podemos fazer uma renda extra nas festas, mas os grandes empresários podem ampliar seus lucros livremente!

“Todo Carnaval tem seu fim!”

A folia de quem se acha mais importante na política, na arte e na universidade, também tem seu fim!

Os mandatos, desmandos e (des) projetos de governo também têm seu fim!

Os ataques infundados a quem quer fazer a diferença e a quem luta pela transformação também têm seu fim!

As limitações que nos são impostas pela burocracia e pela falta de vontade de uma sociedade mais humana também têm seu fim!

Fevereiro vai ter seu fim!... Assim como março e todos os outros meses... e o ano de 2022 terá seu fim!

A canção termina de forma esperançosa num ato de rebeldia e transgressão que nos cabe muito em diversos aspectos: “Deixa eu brincar de ser feliz; Deixa eu pintar o meu nariz!”

Ainda que a vontade de nos prender exista, a chama das liberdades nos impulsionará sempre. Não há decreto, rei, documento ou religião que nos impeça de sermos o que queremos ser e de lutar por aquilo que acreditamos. Se o nariz é nosso, que ele seja bem vermelho... mas o papel de palhaço jamais nos caberá, porque a gente não quer ficar fazendo graça, o que queremos é a dignidade de uma felicidade legítima... A gente quer uma cidade e um estado que nos permitam a liberdade de nossas canções coletivas... Uma universidade que nos favoreça discutir as letras e melodias possíveis para cantarmos mais e melhor... Um país em que todos cantemos e ouçamos as canções uns dos outros... e cantemos mais alto ainda as canções que gostarmos... que nos fizerem bem.

Se todo Carnaval tem seu fim, que o palhaço entenda que seus dias estão contados e que nossa quarta-feira não será de cinzas, mas de grande euforia! Nosso nariz é vermelho, assim como nossos corações também!



Clichê

Por Débora Teles

Se descortina, brancos,
pontudos, amendoados.
Se descortina vida
contida em cápsulas,
leite de amor.

Se descortina e convida
contida a vida em você.
E os raios de sol que
emanam e queimam,
provoca calor.

Se descortina o sol e ele
vem entre seus lábios,
sorrir.

Se descortina, o desejo
de vida que faltava. Se
descortina e a vida soa
worthy.

Se descortina, e então
eu ainda quero ficar
aqui.

Se descortina válida
essa minha passagem,
se descortina no seu
sorrir.

Minha infância.

Por Maria Isabel Santos

Que infância boa era
minha, não tinha muita
proibição!

Junto com uma
garotada íamos ao Alto
do Sertão,

para colher goiaba para
nós lanchar,

fazermos doce, que de
tão doce chegava enjoar;

Juá era uma frutinha
que também dava no
mato,
que gostava de pegar
juntos aos pés do araçá,

que por vezes
encontrávamos muitos
melões do mato,

sua florzinha amarela,
seu fruto uma aquarela,
era verde, vermelho,
laranja e também
amarela.

Que frutinha saborosa,
doce como mel, eu
mesma não trocava
nem por um belo
pastel.

Ali tinha mesmo era
muito nicuri, seja
verde, seco ou maduro
tudo servia para nos
divertir,
chupava o maduro doce
como rapadura,

os verdes tinham que
cozinhar para depois
descascar,

Que delícia que era
não queria mais sair
dali, como era gostoso
esse tal nicuri!

o seco então, quanta
gordura no coquinho,
era sem igual,

que por vezes
carregava larvas, um
leite que não fazia mal.

Eu gostava mesmo era
da bagunça, e da
companhia de meus
irmãos,

subia nos pés de
grandes árvores e para
descer... que
trabalhão.!

Lá colhemos mangas e
também muito ínga.

com a vida tão
adocicada, íamos
tomar banho de Mar.

O mar é salgado, fazia
meus olhos inchar.

Mas tudo era tão
divertido,

que nem percebia que
por vezes passei de me
afogar.

Mas como é que pode
morar na maré e não
saber nadar...

Mergulhar até sabia e
assim conseguia me
livrar...

Como era doce a
minha infância, e por
toda vida vou lembrar.





Algumas pessoas vão dizer “**idi PAIGC ku manda ina Papia sim**” (Ele é do PAIGC por isso está a falar assim), no entanto, a questão aqui não é ser do Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo-Verde (PAIGC) ou não, mas quem realmente se preocupa como o país vem sendo (des)governado há muitas décadas. Ciente das minhas responsabilidades como cidadão guineense, e parte integrante de um grande complexo social e político, com desejo de enxergar a evolução da Guiné-Bissau, penso que é necessário manifestar a minha visão crítica em relação a como o país vem sendo gerenciado e sequestrado por um determinado grupo dos cidadãos. É de salientar que a minha opinião não é vinculativa, por isso, pode abrir o debate para as outras perspectivas analíticas e interpretativas.

Diante disso, gostaria de começar a minha análise colocando algumas questões que não se querem calar: “Será que a Guiné-Bissau tem pragas? Será que Deus e os Ancestrais viraram as costas ao país? Quando é que o país vai se desenvolver?” Respondendo às questões apresentadas, aduzo que a Guiné-Bissau não tem nenhuma praga, pelo contrário, é um dos países mais abençoados do universo, devido à diversidade étnica, cultural e religiosa que apresenta. Pode, inclusive, ser considerado como “oásis culturais”. É também um Estado rico em matérias-primas, pois apresenta os recursos/elementos naturais. Mas, infelizmente, é um dos países mais pobres do globo. Sobre isso, pode-se questionar: a que se deve a este fato e o que o tornou possível?

É muito fácil culpar o PAIGC pela situação caótica do país, eu também o considero responsável “máximo”, visto que, esta formação política, após conquistar a independência unilateral do país, infelizmente não conseguiu cumprir com um dos seus objetivos – desenvolver o país. Na altura, o PAIGC, enquanto Partido-Estado, além de cometer diversas atrocidades, não criou condições necessárias em vários setores que possibilitem o desenvolvimento do país, isto é, não adotou políticas eficientes na área de educação, saúde, infraestrutura, agricultura, saneamento básico e demais setores. Se, hoje, a Guiné-Bissau apresenta a maior taxa de analfabetismo, é porque o PAIGC não criou escolas suficientes para possibilitar a escolarização dos bissau-guineense. Se, hoje, o País continua sendo representado por políticos analfabetos e medíocres, é porque a maioria deles não tiveram oportunidade de estudar para possuir formação superior.

Mas quando se fala do PAIGC é importante refletirmos sobre qual PAIGC estamos falando, porque o PAIGC, enquanto uma instituição política, é passível de mudança em termos das suas estruturas. Assim, as pessoas passam, mas a instituição fica. Posto isto, é injusto atrelar um PAIGC do ano de 1980 ao de 2010, ou seja, considero indevido conectar os crimes cometidos pelo PAIGC do ano de 1980 ao de 2010, embora que eu reconheça que devemos responsabilizá-lo pelos crimes cometidos conforme os seus tempos. Para isso, é importante fazermos uma análise, considerando as metamorfoses e as pessoas que representam a instituição, evitando as análises anacrônicas – uma perspectiva analítica equivocada onde se faz uma avaliação/análise de um determinado tempo histórico à perspectiva de valores e tempos que não pertencem a esse mesmo tempo histórico – sobre os determinados fatos históricos ou políticos, ou sociais.

(DES) GOVERNAÇÃO NA GUINÉ-BISSAU E A GERAÇÃO DE CONCRETO: A CULPA É DO PAIGC?

Por Eduardo Boni Nanque

Além disso, apesar de estarmos a falar de uma mesma instituição, é importante considerarmos que ela (a instituição) foi e ainda é dirigida por pessoas em momentos diferentes. Até porque aquele PAIGC dos anos 80 era de “todos” os guineenses (Partido-Estado). Quer isto dizer, a maioria das pessoas que hoje o responsabiliza pelo atraso do país eram militantes do mesmo, ou seja, esses indivíduos “estão atirando nos seus próprios pés” e hoje não estão a “servir” como uma alternativa ao PAIGC concernente à governação e à responsabilidade da gestão e do gerenciamento das coisas públicas.

Na minha concepção, o problema do não-desenvolvimento da Guiné-Bissau está na classe política guineense sem exceção e é um problema estrutural. Digo isso porque, desde a independência, o país vem sendo governado por um certo grupo de pessoas, que, de uma certa forma, sequestraram o Estado e continuam o lapidando, usando os recursos e bens públicos em seus benefícios próprios “patrimonialismo” – sem a distinção entre os limites do público e do privado. O poder difuso – meio informal da alteração das coisas – sequestra as instituições da República e as asfixia. Temos, no país, políticos aventureiros, um grupo de pessoas que luta sempre para alcançar o poder no Estado, mas quando o alcançam, não fazem nada além de lutar para ocupar boas pastas ministeriais e esbanjar os recursos públicos. Pessoas desprovidas de algumas propostas alternativas, face às demandas do povo.



Um grupo de indivíduos que fazem campanhas eleitorais em “poesias, mas governam em prosas” e com mentiras. Esses aventureiros representam um grupo de pessoas que não têm noção de governação, nem possuem agenda própria para desenvolver o país, além de serem desprovidos de competência, integridade, conhecimentos e experiência governativa. Não só, mas também, não possuem noção de teoria geral do Estado e nem das separações dos poderes (ou se as têm, então, as usam de má-fé). O mais caricato é que essas pessoas, através de um sistema instalado, acabam impossibilitando aqueles que estão na altura de pôr as suas ideias em prol do desenvolvimento do país. É comum ouvir algumas pessoas da minha geração mesquinhando o seguinte: **“disna ku n’padidu n’fika n’na obi son nome** (Desde que eu nasci ouvi falar) de Botchi Candé, Braima Camará, Camilo S. Pereira, Suares Sambú, Sandji Fati, Cipriano Cassama, etc. Tenho a certeza que as gerações que nos antecederam já haviam ouvido esses nomes.

Acontece que essas pessoas vêm fazendo parte da governação do país há muito tempo. Na Guiné Bissau, algumas pessoas não têm outros trabalhos além de ser governantes, ou melhor dizendo, eles fazem dos cargos de Ministro, Diretor-Geral ou Secretário de Estado como as suas profissões, vivendo da política e não para a política, como aduz Weber.

“O País está cheio dos “Políticos Profissionais”, que dependem apenas do salário que recebem como políticos, ou seja, como governantes para sobreviver, isso faz com que todos queiram governar o país a todo custo mesmo não ganhando as eleições.”

Eduardo Nanque, Graduando em Humanidades (UNILAB).

A governação do País desenrola a volta dessas pessoas, aliás, esses indivíduos aparecem em todos os governos de todas as legislaturas. É importante ressaltar que eles conseguem, muitas vezes, chegar ao poder por meio dos partidos políticos. Isso faz com que o país conte hoje com mais de quarenta partidos políticos, algo que merece um estudo sério do campo da Ciência Política ou da Sociologia.

Parafrazeando Anós Té “a quem interessa a proliferação dos Partidos Políticos na Guiné-Bissau? Será que eles criam Partidos Políticos porque têm agenda para resolver os problemas do País? Claro que não! Eles simplesmente usam os partidos políticos como um canal de acesso ao poder de Estado e da manutenção do *status quo*.

A título de exemplo, vários desses políticos saem das suas respectivas formações políticas quando as coisas não vão bem, ou melhor dizendo, **“é tá kamba ora ke ka odja pastas na governo”**(Eles mudam quando não conseguem cargo no governo). Em algumas circunstâncias, existe um modelo político no país que é “dá cá, toma lá, ou toma lá, dá cá”, isto é, troca de favores e, sobretudo, de compra de alguns “deputados” que se vendem como uma “mercadoria”.

A Guiné-Bissau é um dos países, ou talvez seja o único, onde a família comemora quando um membro da mesma é nomeado Ministro, Secretário de Estado ou Diretor-Geral. Isso não quer dizer que a prática não acontece em outros lugares ou países, porém, na Guiné-Bissau, o comportamento ganha outros contornos preocupantes e a própria família participa nisso quando diz **“ke bu pensa abo kuna kumpo Bissau, lembra di bu ermons ku famílias”** (Pensas que é você quem vai mudar esta terra (Bissau), é melhor lembrar das suas famílias primeiro). Mas qual o porquê da comemoração ou dessa conduta? Talvez porque a sociedade “moralizou” tais práticas. Ser um governante na Guiné-Bissau é sinônimo de construir uma boa casa, colocar a família nas melhores escolas, fazer tratamento médico na diáspora, alimentar-se bem, possuir energia elétrica, água potável, ser impune etc. Por isso, quando a pessoa da família é nomeada os restantes dizem: **“nó kapli, pa furta dé, pabia um dia buna sai lá”** (É melhor roubarmos senão um dia vão nos tirar de lá).

Um Estado cheio de conspiração política, golpe de Estado e de sucessivos derrubes dos governos eleitos democraticamente. Desde a abertura democrática, em 1991, culminando com as primeiras eleições, em 1994, já foram efetuadas várias eleições legislativas e presidências, mas apenas um Presidente da República, Jose Mario Vaz, conseguiu findar os seus cinco (5) anos de mandato, sendo ainda o único Presidente que bateu “record” ao nomear mais de sete (7) Primeiros-Ministros numa legislatura de quatro anos.

Outrossim, nenhum governo conseguiu findar os seus quatro (4) anos de mandatos conforme a constituição do país. Estou falando de um país que política, administrativa e socialmente está desorganizado, onde as pessoas entram na função pública sem concurso público, mas na base de “nepotismo, clientelismo e amiguismo”.

Um Estado que não consegue pagar salário aos funcionários públicos, sobretudo, técnicos de saúde, professores/as e quando estes saem na rua para exigir os seus direitos são torturados pelo próprio Estado. Um país cujo sistema de saúde é muito débil, as pessoas morrem de paludismo, tuberculose, gripe e morrem de parto, devido à falta de energia elétrica no maior centro hospitalar do país – Simão Mendes.



Sugerimos a leitura do texto “BREVE HISTÓRICO SOBRE A CONSTRUÇÃO DO ESTADO DA GUINÉ-BISSAU”, de Arnaldo Sucuma, para mais conhecimentos sobre a política da Guiné-Bissau. (Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/viewFile/110099/22012>)



Um país em que as pessoas morrem por falta de oxigênio nos hospitais! Estou falando de um país onde o ano letivo escolar fica paralisado durante seis meses, ou mais, mas no final os alunos/as transitam de classe sem ter recebido todos os conteúdos, ou pelo menos cinquenta por cento 50% desses conteúdos. As pessoas que governam esse país não se importam, porque as suas famílias não frequentam hospitais e escolas públicas, a maior parte desses indivíduos fazem tratamento médico no estrangeiro.

A Guiné-Bissau não pode estar ao nível dos outros países em termos de desenvolvimento se ainda continuar sendo governada por esses indivíduos incapacitados e descomprometidos com a agenda do país.

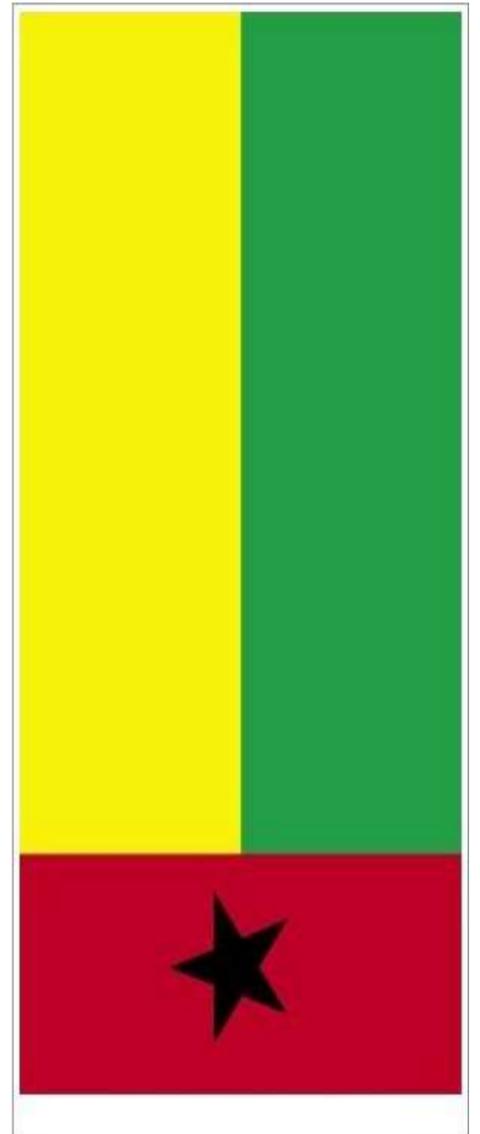
Um grupo de indivíduos que não debate a agenda para o desenvolvimento, mas sim, que passa todo tempo discutindo questões pessoais, atacando uns aos outros de um lado por outro. Como o país pode desenvolver se ainda continua tendo deputados de baixo nível (aqui não se refere exclusivamente ao nível acadêmico, mas ao nível de discurso e do debate).

Como o país pode se desenvolver se ainda a maior parcela da população que reside no capital não possui energia elétrica, água potável e três refeições por dia? Como o país pode se desenvolver se ainda existem diversas dificuldades em termos de mobilidade no centro da cidade devido à má qualidade das estradas? (Nem falaremos sobre a condição das outras regiões!). Como o país pode se desenvolver se ainda nesse século XXI os novos bairros do país não estão sendo urbanizados? Como o país pode se desenvolver se os produtos de primeira necessidade continuam sendo inacessíveis para a maioria?

Amílcar Cabral lutou para libertar e desenvolver a Guiné-Bissau, mas, infelizmente, morreu antes de realizar os seus sonhos. Não quero morrer antes de assistir a evolução da minha querida Guiné. A mudança do País passa, precisamente, por ampliar as bases de discussões, nas contradições e nas subcontradições existentes. Portanto, precisamos da geração que compreende o problema e os desafios do país e não da geração utópica.

Eduardo Boni Nanque é Graduando em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Endereço eletrônico: eduardoboninanque@gmail.com



O ano era 2013 e o mês de janeiro trazia os sinais da vibração de uma das festas populares mais grandiosas deste país; em poucos dias chegaria fevereiro de carnaval. Pra quem é brasileiro, ou torna-se parte deste povo por alguma razão, sabe, ou até mesmo desconfia, que por aqui o ano novo possui duas maneiras de ser recepcionado: a primeira da forma tradicional, na passagem do ano velho pro novo ano; já a segunda, acontece depois das festas de carnaval. É como se a despedida das coisas ruins, opressões, sofrimentos e perdas fossem concretizadas nas avenidas das capitais, nas ruas das pequenas cidades do interior, e nas vielas dos bucólicos vilarejos que ainda preservam bons momentos de euforia e diversão. O carnaval é magia que envolve, dá sentidos e nos alimenta a cada nova folia.

Me lembro vividamente daquelas chamadas de fim de ano da Rede Globo, que anunciavam novas produções para aquele 2013, que hoje divaga entre um período tão longínquo e, ao mesmo tempo, se faz mais presente que os últimos dias nos quais vivemos. É um passado que se faz presente tão facilmente quanto a ideia do futuro que a muitos soa como uma dádiva. Bem, lá estava eu naquele povoado do município de Nova Soure, atraído por uma minissérie que seria exibida na áurea do carnaval brasileiro; uma produção sobre um enredo ambientado na grande folia da capital baiana, a cidade efervescente de *São Salvador*. Conteí os dias para a estreia daquela minissérie chamada *O Canto da Sereia*, estrelada por Isis Valverde, uma atriz em

ascensão na emissora. Agora que me pego escrevendo sobre aqueles quatro dias em que estive fígado pela trama, revisito sensações que não dou conta de explicar; parece que há dois de mim que se posicionam entre um “antes” e um “depois” daquela trama de ficção baseada num romance de Nelson Motta. De modo superficial, procuro entender a origem de uma emoção reconfortante que me toma ao recordar os capítulos, cenas, trilha sonora e atuações que compuseram a obra e busco, cada vez mais, alimentar minhas lembranças e torná-las robustas, atuais e palpáveis até. Permita-me que eu fale do tesouro, mas sem mostrá-lo por completo, numa maneira sutil de não oferecer spoilers ao leitor.

Nos encantos e desencontros da Sereia...

Uma viagem pelo show business letal da trama fascinante de Nelson Motta reconstituída pela Rede Globo.

Por *Matteus Laggo*



Isis Valverde no papel de Sereia na minissérie “O Canto da Sereia”.

Foto: Correio Braziliense

Contudo, minhas impressões sobre a trama são demasiadas, e se não o atraírem para uma conferida, ainda que embebida por dúvidas e pela curiosidade, fará efeito contraditório e o livrará de uma perda de tempo. De todo modo, espero ser agradecido no fim das contas.

É com essa intensidade que adentro o cenário de “O Canto da Sereia”, uma produção dirigida por José Luiz Villamarim e supervisionada por Glória Perez. O enredo conta a trajetória ascendente de uma jovem cantora de axé assassinada em pleno carnaval baiano. Sob a simbologia de uma figura lendária, a personagem batizada com o nome de *Sereia Maria de Oliveira* subiu as escadas do sucesso fazendo de “Sereia” seu emblema artístico. No entanto, nunca me pareceu sutil relacionar a personagem à *Orixá Iemanjá*, pelo menos, se considerarmos as nuances construídas pela obra, que justapõe, à sua maneira, a história de vida e a carreira artística de Sereia aos rituais que louvam a “Mãe das Águas”.

No alto de um trio elétrico, a banda embalava uma multidão eufórica e cativa da atração que dali em poucos instantes subiria para comandar a folia. A atmosfera desenvolvida pela cenografia, convencida de que a trama havia acontecido em pleno carnaval de Salvador.

Tudo por lá, denotava a aparição de uma estrela da musicalidade baiana, sob a marca da artista de peso que tornou-se conhecida por envolver-se nas campanhas políticas do governo estadual e associar sua imagem à publicidade massiva e de grande apelo comercial. Sem dúvidas, Sereia não só detinha o prestígio popular, mas também o de grandes figurões da elite política e social da capital da Bahia, unindo interesses que só ela gerenciava, ainda que uma equipe lhe assessorasse.

Sob o som de uma percussão feroz e de uma abertura melodiosa, Sereia bradou uma saudação firme ao público histórico que lhe acompanhava debaixo de sol a pino de uma tarde calorenta de carnaval em Salvador. Se no romance de Motta, a artista saudou a *Orixá Iansã*, a adaptação televisiva suprimiu o “*Eparrei Iansã*” e reconfigurou os cumprimentos para uma entonação muito abaianada. Do alto do trio, Sereia fez ecoar:

**“Boa tarde, minha Bahia de Todos os Santos!
Hoje eu quero ver o chão tremer, porque aqui, quem fica parado é poste.
Salve Salvador, salve Brasil!”**

Trajando um figurino exclusivo, Sereia subiu ao palco do trio. Ela reluzia como se milhares de mini leds iluminassem a roupa, cuja aparência revelava a beleza de pérolas e escamas que finalizavam a peça com uma cauda sugestiva.

Matteus Laggo é Bacharel em Humanidades e Licenciando em Ciências Sociais pela UNILAB.
laggo@aluno.unilab.edu.br



Isis Valverde canta em trio elétrico na cidade de Salvador-BA, em gravação da minissérie “O Canto da Sereia”.

Foto: Globo.com

O tom perolado, quase branco evidenciava a posta associação com a “Rainha do Mar”. Sereia era dona de encantos múltiplos, que transcendiam a beleza do corpo, dos cabelos e malemolência que dava vida às suas interpretações musicais.

E como era a Sereia de quem tanto falo? Pelo seu criador, ela foi retratada assim: “Com vinte e dois anos, grandes olhos cor de mel, cabelos dourados e pele permanentemente bronzeada, Sereia tinha seios fartos e pernas intermináveis. Era a nova rainha da música pop e aquele seria o carnaval de sua consagração.”



Na recriação da Villamarim, Sereia era branca, cabelos lisos ondulados e num tom castanho acobreado, um corpo dentro dos padrões estéticos e preservados pela sociedade capitalista e excluyente. Na continuidade descritiva, Motta enfatiza com maestria os atributos de sua criatura: “[...] Com mais de um metro e oitenta, além das plataformas de quase dez centímetros, e uma grande voz, grave e potente, Sereia era uma jovem cantora de Ilhéus que em dois anos saiu dos barzinhos de Salvador para a glória nacional...” Talvez, as comparações não sejam de fato, o melhor caminho para uma correlação entre as duas obras, contudo, há referências que carecem de uma análise extensiva e

que, decerto, o leitor só terá uma noção superficial nestas páginas.

Ísis Valverde emprestou-se, ou foi emprestada, à vida de Sereia de uma forma arbitrária se considerarmos o leque de artistas, (cantoras que são atrizes, ou intérpretes genuinamente baianas), propício ao ambiente descrito pela obra. É claro, que estamos falando de uma notoriedade proposital à carreira de Ísis, esta que não deixa de ser uma profissional em sua arte, com um potencial carisma que envolve e presenteia o público com personagens inesquecíveis como “Ana do Véu”, em *Sinhá Moça* (2006), e “Ritinha”, em *A Força do Querer* (2017), outro papel protagonizado pela atriz, sob a analogia de uma sereia. No entanto, ousar sugerir que outra celebridade estivesse à altura da personagem, como por exemplo a atriz e cantora Emanuelle Araújo, soteropolitana nata e de fama irrefutável, referenciada por ocupar o lugar deixado por Ivete Sangalo na Banda Eva, entre 1999 e 2002.



Ísis Valverde, a Ana, em “Sinhá Moça”.

Fonte: Globo.com

Vale pontuar que tal falta de investimento na fidelidade ao romance, (desprentendida numa obra de adaptação), alguns excessos acabam por carregar a trama, como o sotaque pouco convincente de uma artista baiana com seus trejeitos e expressões casuais de um cotidiano regado pelo convívio entre pessoas de diferentes lugares e culturas. No entanto, o esforço demonstrado pela produção busca legitimar o ambiente do enredo, seja no trio elétrico, no camarim de Sereia, nos diálogos com os demais personagens e nas letras das músicas cantadas por ela. A tentativa não passou despercebida.

Se na escolha da atriz protagonista a produção pecou, o feito não poderia ser atribuído ao elenco principal, contando com figuras ilustres, como a cantora baiana *Margareth Menezes* que deu vida à delegada “Marta Pimenta”, uma personagem feita sob medida para a presença inconfundível da “rainha do axé tradicional”, incorporando a firmeza da artista na interpretação oposta à sua experiência natural. No mínimo, esse jogo de troca de lugares é atrativo, pois a cantora da vida real, investiga a morte de uma artista do mesmo segmento na ficção. É a arte fantasiando a vida, meus caros!

Considerando ser possível analisar os principais personagens da história, aproveito para focar meu olhar em Mara Moreira, assessora de imprensa de Sereia. De acordo com o livro de Nelson Motta, a personagem é detalhada da seguinte maneira: “Mara era uma morena paulista, vigorosa e eficiente, de corpo atlético e raciocínio rápido, especialmente para números.” A atriz escolhida para o papel, *Camila Morgado*, em pouco se assemelha às descrições oferecidas pelo romance, e na sequência, Nelson conclui: “[...] Tinha uns dez anos mais que Sereia, era de uma beleza dura, com cabelos castanhos e curtos, um nariz de grande personalidade e profundos olhos negros.” De cá, eu sentencio que a Mara Moreira do *noir* baiano, só emprestou o nome e a função à personagem vivida por Morgado.

Dentre as observações pontuais que elenco aqui nesta análise, peço licença para tratar de outra personagem central da trama, *Mãe Marina de Oxum*. Se no romance homônimo de Nelson Motta, a personagem é descrita como: “[...] Negra como a noite e com grandes olhos cor de caramelo”, na adaptação exibida pela “Vênus prateada”, a atriz escalada para o papel foi *Fabíula Nascimento*, uma curitibana de raiz; sem dúvidas, uma controvérsia desproposital à narrativa de Motta. E as distâncias entre o livro e a minissérie se acirram à medida que o elenco se apresenta, todavia trazendo referências a nomes consagrados da teledramaturgia brasileira, como *Zezé Motta*, *Marcélia Cartaxo*, *Marcos Palmeiras* e *João Miguel*. Se de um lado, a atriz protagonista se distancia

da personagem construída por Motta, por outra perspectiva há uma sintonia contextualizada para a fabricação de uma nova imagem para a mesma persona. Sereia se torna multifacetada entre aquela que preenche as páginas do romance policial, ainda que morta, e entre a outra que pulsa, vibra e guia a narração de sua própria história, a partir das páginas amareladas artificialmente do seu diário de capa preta grafado com a letra *S*. Não obstante, o ar de literatura policial foge ao clichê, ao proporcionar ao leitor a experiência única de desvendar os mistérios tonalizados pela trama, de forma independente. O leitor/expectador, aguçado aos acontecimentos do enredo, alcança o seu principal objetivo, que é descobrir “quem matou Odete Roitman?”, digo, “quem matou Sereia?”.

“quem matou sereia”?



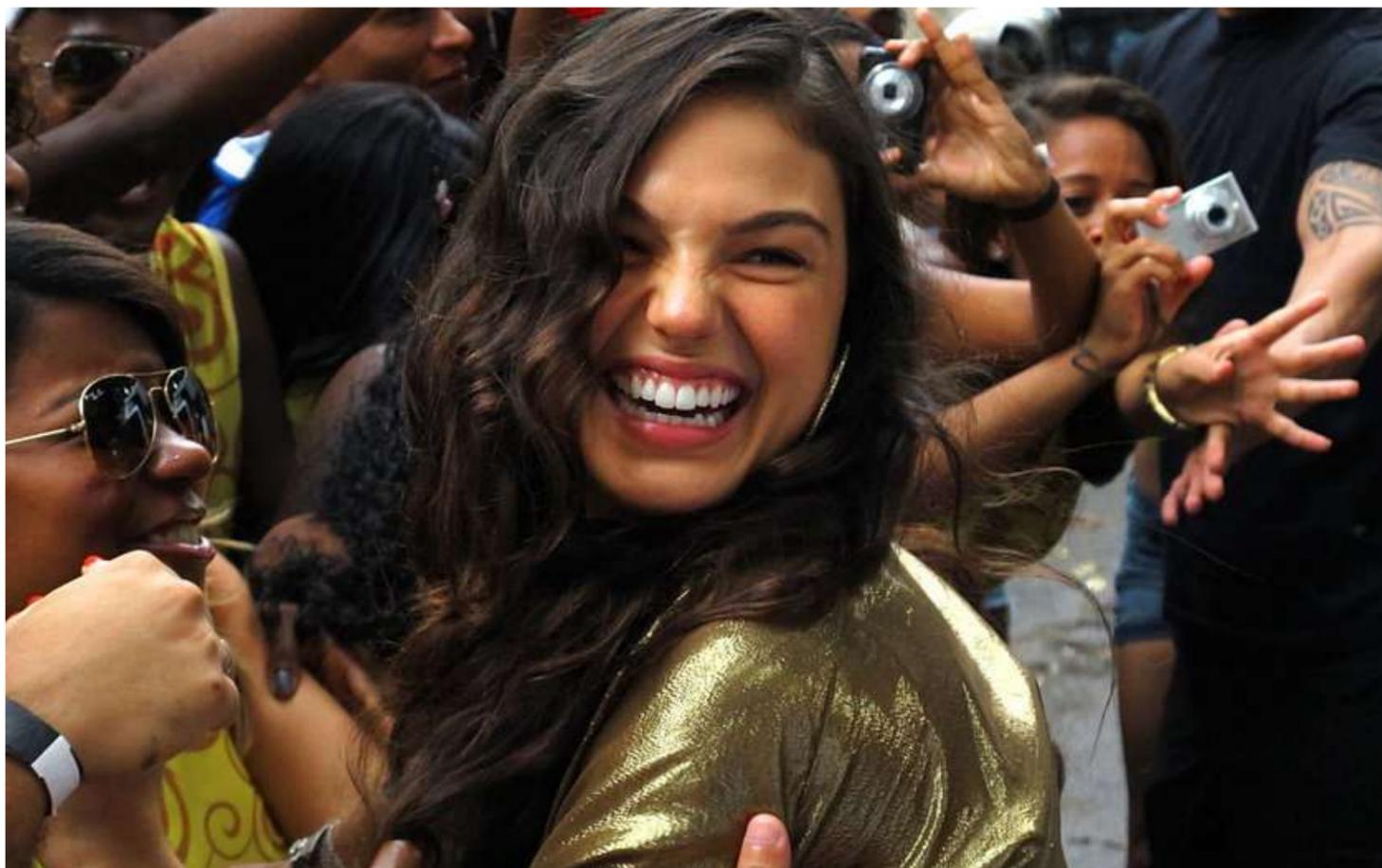
Cena da morte de Sereia protagonizada por Isis Valverde

Foto: Portal Quem

Para além das incursões pré anunciadas nestas linhas, gostaria de ressaltar que, mesmo com as adaptações que destoam o livro da minissérie, há um saldo positivo quando se trata de oferecer ao telespectador as imagens que foram tecidas na mente, com base na leitura do romance. A Sereia transmutada para a tela, aciona um apreço popular que é característico das divas do *axé music*, não em sua totalidade é óbvio. Porém, cumpre o papel de “cair nas graças” do povo que a endeusa a ponto de confundir momentaneamente o espectador. Seria Sereia, uma personificação de Iemanjá, como a personagem se auto declarava?

Talvez, em seu mergulho na obra, Nelson Motta tenha objetivado essa harmonia de modo pretensioso, como ele é capaz de ser; interpretem como um elogio à sensibilidade e sagacidade do autor. Contudo, há um extremo desejo em reivindicar a aura de divindade conferida à Sereia, esta que corresponde mais a um arquétipo das artistas nacionais, do que a uma representação onipresente de uma Orixá. Se soou confuso, foi esta a intenção.

Claro que há uma série de elementos que não foram mencionados aqui, mas que reverberam nas paredes líquidas de minha mente, e que preservo para futuros mergulhos na companhia de Sereia e guiado pelo som estridente do trio da rainha do mar. Ler e assistir “O Canto da Sereia”, permite uma viagem densa, profunda e íntima pela indecifrável “Cidade da Música”; é um trajeto pela musicalidade cadenciada pelos atabaques e por composições que são eternas, como “A roda” de *Sarajane*, “Deusa do Amor” do *Grupo Olodum* e “Baianidade Nagô” da *Banda Mel*. Se trata de uma visita efêmera ao carnaval da Bahia que é tão nosso, quanto nossas palavras.



Isis Valverde no papel de Sereia

Foto: Guia da Semana.com



Não poderia finalizar, por ora que seja, as minhas impressões infindáveis sobre “O Canto da Sereia”, sem é claro, recomendar a leitura do romance, bem como, a conferida na adaptação produzida pela Globo. De um modo geral, a minissérie alcançou uma boa recepção do público e da crítica interessada, e no ano seguinte, foi reprisada em formato de longa metragem pela emissora. Atualmente, integra o catálogo do canal por assinatura VIVA e a plataforma de *streaming Globo Play*. Já o livro publicado originalmente em 2002 pela Editora Objetiva, completa, neste 2022, exatos 20 anos de seu lançamento. Eis minha singela contribuição para lembrar essa produção recheada por mistérios, música, sensualidade e preenchida pelo verão de Salvador e por energias que só a Bahia tem. Neste mês de fevereiro, no transcorrer de 2022, cá estamos sem a possibilidade de estarmos foliando nas ruas, avenidas, largos e vielas, acometidos pela exaustiva pandemia que se arrasta e é conveniente aos que patrocinam suas próprias folias, à margem do povo que carece de pão, saúde alegria e democracia. Portanto, pelo menos pra mim, escrever sobre lembranças de tempos felizes e dias de envolvimento, é uma imagem justa à resistência que nos sustenta e impulsiona pra frente. Afinal de contas, o movimento que faz sentido é apenas um só; seguir adiante.

15 de fevereiro de 2020, ao som de Gal Costa e Zeca Baleiro em Vapor Barato.

São Francisco do Conde, BA.



REFERÊNCIAS:

CONFIRA galeria de ‘O canto da Sereia’. **Rede Globo.com**, 02 jan. 2015. Novidades. Disponível em: [Rede Globo - Confira galeria de 'O Canto da Sereia' - fotos em novidades](#). Acesso em: 16 fev. 2020;
O canto da Sereia. **Memória Globo**. Entretenimento>Minisséries. Disponível em: [O Canto da Sereia – Memória \(globo.com\)](#). Acesso em: 16 fev. 2020;
EM gravação de minissérie , Isis Valverde canta em trio elétrico na Bahia. **Ego.globo**, 04 nov. 2012. Disponível em: [Em Bahia - fotos em Televisão - EGO \(globo.com\)](#). Acesso em: 16 fev. 2020;



Sobre o retorno – presencial ou híbrido – das aulas no Campus dos Malês

Sabendo que este é um assunto delicado e que opera opiniões divergentes, dúvidas, receios e uma série de emoções ainda difíceis de serem expressas por palavras, a equipe do Jornal O Ponto pediu que alguns professores, professoras e estudantes expressassem livremente o que pensam a respeito. Veja, a seguir, os depoimentos coletados.

Professora Zelinda Barros (CiSo) - Considero que a determinação do retorno às aulas presenciais, no caso do Campus dos Malês, deve ser precedida de um exame minucioso de suas condições estruturais e intervenção urgente no sentido de criação das condições para o pleno desenvolvimento das atividades acadêmicas - em contexto de emergência sanitária ou não, uma vez que, apesar das determinações legais vigentes no sentido de que o retorno ao presencial ocorra com o cumprimento dos devidos protocolos sanitários. Não podemos esquecer que, mesmo antes da pandemia de COVID-19, havia carência de espaço adequado para a realização das atividades acadêmicas do campus e urgência no provimento das condições para que ocorresse a conclusão da construção dos prédios destinados às atividades acadêmicas.



Campus dos Malês/UNILAB, em São Francisco do Conde/BA.

Foto: Unilab.edu

Ainda estamos vivendo num contexto pandêmico e, somado ao crescimento acelerado do número de casos, temos o surto de influenza e a precarização das condições gerais de vida da população - o que torna ainda mais sensível a nossa situação. Como docente, defendo que,

antes da determinação do retorno presencial, as demandas já apresentadas pela comunidade do campus dos Malês sejam atendidas de modo prioritário, pois sabemos que ele não conta com as mesmas condições estruturais de outros

campi da UNILAB, que estão em muito melhor situação.

Professor Paulo Proença (Letras) - Minha opinião é esta: não deveríamos retomar as aulas presenciais no próximo semestre, nem no sistema híbrido. Não temos condições materiais para acomodar discentes, docentes, servidores e prestadores de serviços. Além disso, o aumento considerável de casos da variante ômicron exige que os procedimentos de proteção sejam observados com mais rigor, principalmente evitar aglomeração, o que vale não só para o Campus dos Malês, mas também para todas as escolas.



Aluna de Relações Internacionais - Eu não sou a favor do retorno presencial por conta das condições desfavoráveis apresentadas pela estrutura do campus. Resido em São Francisco do Conde e estou cursando o 6º semestre do curso de Relações Internacionais.

Aluna de Ciências Sociais – Eu não sou favorável ao retorno presencial porque o atual cenário pandêmico nos ameaça com um possível surto de casos ocasionado pelo descontrole das medidas sanitárias nas instalações do campus. Resido com pessoas consideradas de grupo de risco e acredito não ser o momento para o retorno presencial. Atualmente estou cursando o 7º semestre do curso de Ciências Sociais e resido em Salvador.

Aluno de Ciências Sociais - Sou a favor do retorno presencial das atividades acadêmicas, considerando a aplicação da vacina e os constantes esforços da gestão do campus em garantir a integridade de sua comunidade acadêmica. A nossa condição de campus fora de sede nos fragiliza sempre, e as estratégias políticas para a retomada da construção dos blocos pertencentes ao campus precisam ser ainda mais reforçadas. Resido em São Francisco do Conde e curso o 6º semestre do curso de Ciências Sociais.

Aluno do Curso de Letras – Sou a favor do retorno presencial por conta do avanço da vacinação no país e da redução de casos fatais. Importante destacar que o campus possui condições básicas para o retorno presencial das atividades, e que o não retorno representa um sucateamento provocado por interesses individuais de representantes estudantis, que se apropriam de títulos para a promoção de egos inflados e pouco eficientes. Moro no município de Santo Amaro e curso o 5º semestre de Letras.

Alune de Pedagogia – Sou a favor do retorno presencial pela necessidade de ocupação do campus em questão. A não retomada das atividades presenciais representa um potencial agravamento à política de desmonte das universidades federais brasileiras. Acredito que a demarcação desse território circunscreve o compromisso previsto pelo currículo da universidade em oferecer uma educação inclusiva às minorias sociais, e que transcende para uma coletividade necessária no atual cenário sociopolítico do Brasil, especialmente. Sou estudante de Pedagogia, estou no 3º semestre e moro em Candeias.

E você? O que tem a dizer a respeito? Envie sua resposta para jornaloponto@unilab.edu.br



Entrevista realizada entre os dias **16 e 20 de janeiro de 2022**, com docentes e discentes do Campus dos Malês, situado em São Francisco do Conde-BA. Obedecendo à ética e sigilo da entrevista, os nomes dos estudantes entrevistados serão preservados. Os docentes autorizaram a declaração de seus nomes.

A Pergunta apresentada a todos foi: *Considerando as movimentações que apontam para a retomada do modelo presencial (ou híbrido) na dinâmica do campus dos Malês, qual a sua opinião sobre a possibilidade de retorno das atividades presenciais no atual cenário social?*

Destaca-se que os argumentos apresentados nesta entrevista são de inteira responsabilidade dos participantes que se disponibilizaram a prestar tais declarações ao jornal “O PONTO”. Portanto, todas as respostas registradas cumprem com exatidão as opiniões manifestadas pelos contribuintes.

Blocos do Campus dos Malês/UNILAB/BA



Perdi uma amiga querida para o COVID-19. Nós nos conhecemos quando tínhamos 16 anos, na escola, e de lá para cá, com todos os vai-e-vens da vida adulta, sempre nutrimos um amor imenso uma pela outra. Ela partiu jovem demais, no final de abril do ano passado, sem que a vacina tenha chegado em tempo (e poderia ter chegado, se os responsáveis pela sua aquisição e distribuição tivessem agido com lisura no enfrentamento da pandemia), deixou um filho de 5 anos e muitos corações partidos, inclusive o meu, que descobri, com sua perda, a iminência da morte precoce para cada pessoa, afinal, podia ser eu. Acompanhei, angustiada, a dor de uma amiga-irmã que perdeu a mãe, vivi de perto a angústia de estar ao lado de familiares que adoeceram. A higiene de produtos, de lugares, de pessoas também na minha casa virou obsessão de que talvez nunca mais nos livrems. Temi todos os dias pela segurança dos meus pais, dos meus filhos e do meu companheiro, irmãos, parentes, amigos, vizinhos, alunos, colegas de trabalho... Talvez esse parágrafo tão pessoal soe estranho como início de uma fala sobre retomada de atividades presenciais no Campus dos Malês. Mas achei importante dizer que também tenho medo. Desde o início da pandemia, todas as pessoas que fazem gestão em educação e respeitam a vida buscam as alternativas possíveis para assegurar as

condições de gerenciar minimamente o caos, sem uma coordenação nacional orientadora. Na Bahia, participei com outros gestores de instituições de ensino superior de reuniões com as Secretarias Estaduais de Saúde e de Educação, desde que percebemos que o isolamento não seria de apenas 14 dias, como se pensou lá em março de 2020. E quando a vacina finalmente chegou, nós, da equipe administrativa, cuidamos da maneira mais minuciosa que pudemos da vacinação de cada trabalhador/a do nosso Campus. Esses dois anos foram de muita preocupação também – e principalmente – com a comunidade estudantil.

Mesmo assim, sabemos que essas medidas não alcançaram a todes xs discentes e muitos vêm enfrentando dificuldades para acompanhar as aulas remotas, para manter sua matrícula ativa e até mesmo para se alimentar dignamente nesta conjuntura nacional tão perversa, com inflação alta e custo de vida exorbitante.

Para uma parcela expressiva de estudantes brasileiros e africanos, a retomada de atividades letivas presenciais representa condições de estudo, chance de conclusão de curso, segurança nutricional e alimentar com a abertura do Restaurante universitário, restabelecimento de redes de apoio e acesso a serviços públicos. Para outro grupo, o trauma de ter adoecido ou acompanhado alguém doente, comorbidades e insegurança emocional são um empecilho ao retorno.

A UNILAB, através de encaminhamentos discutidos exaustivamente no CIEC, buscou formas de apoiar estudantes no Brasil e nos PALOP, tanto com a adesão ao Programa Alunos Conectados do MEC, quanto com o pagamento de auxílio alimentação emergencial através de remanejamento dos recursos dos RU fechados, como com a interlocução com embaixadas e Centros Culturais do Brasil nos países africanos parceiros para acolhimento de estudantes que tiveram de adiar sua vinda para o Brasil.

Para a maioria da comunidade, a preocupação de que os protocolos de biossegurança não sejam suficientes é a tônica, especialmente nas condições de infraestrutura que possuímos, com carência de espaço e uso de escolas municipais sob empréstimo, além de meios de transporte inadequados. Diante de cenário tão desafiador, qualquer decisão tomada é sempre passível de suspensão, porque, quando se imagina um arrefecimento da pandemia, novas



Por Mírian Reis; Diretora do Campus dos Malês



Considerações sobre a retomada de atividades presenciais no Campus dos Malês

variantes desestabilizam o sistema de saúde e nos colocam novamente em posição de recolhimento e persistência nas ações preventivas. Por outro lado, autoridades governamentais adotam medidas que determinam nosso retorno, como a publicação da Instrução Normativa SGP/SEDG G/ME Nº 90 de 28 de setembro de 2021, que estabelece as normas para retorno de servidores públicos federais às atividades presenciais e o Decreto Estadual N. 20263 de 05

de agosto de 2021, que normatiza as atividades letivas semipresenciais no Estado da Bahia. Esses documentos são marcos legais que nos impedem de continuar no formato letivo remoto e todas as universidades precisaram buscar forma de se adequar a elas. Além disso, o MEC anunciou a descontinuidade do Programa Alunos Conectados, o que inviabiliza as condições de estudo para quem depende do chip ofertado pelo programa para assistir aulas.

Na UNILAB, o CIEC encaminhou ao CONSUNI, que aprovou a Resolução CONSUNI/UNILAB Nº 48, DE 16 DE DEZEMBRO DE 2021. Esta resolução era omissa em relação ao Campus dos Malês, porque referia-se apenas às unidades localizadas no Ceará. Havia então um problema: esta é uma única universidade e as políticas institucionais precisam refletir as necessidades de todas as suas unidades acadêmicas e administrativas. Diante desta omissão, o Campus não estava respaldado nem para continuar remotamente, nem para retornar às atividades com o modelo possível de presencialidade. Solicitamos então alteração da portaria, após apresentar ao Instituto de Humanidades e Letras a infraestrutura disponível de espaços, internet, transporte e alimentação através de reuniões ocorridas entre o final de dezembro de 2021 e janeiro de 2022. Após isso, o IHL enviou despacho à PROGRAD, através do processo SEI N. 23282.017385/2021-63, informando sobre a oferta de disciplinas em caráter presencial/híbrido. Assim, solicitamos nova reunião do CIEC para que o Campus dos Malês fosse incluído nas normativas institucionais de retomada de atividades, o que ocorreu com a aprovação, pelo CONSUNI, da Resolução CONSUNI/UNILAB N. 59 de 20 de janeiro de 2022. A nova resolução corrige o erro de desconsiderar o Campus dos Malês como parte da UNILAB e permite, entre outras ações, a contratação da empresa vencedora da licitação para abrir o Restaurante Universitário e garantir saúde e segurança alimentar, em especial a estudantes.

A partir das muitas discussões ocorridas, das normativas externas e internas que nos impelem ao retorno e do acompanhamento da situação epidemiológica no Estado da Bahia, em São Francisco do Conde e nos municípios vizinhos, o que nos cabe, nesse momento, é planejar a retomada tentando organizar as melhores e mais seguras condições de retorno, dentro das nossas possibilidades, em esforço coletivo. Nesses quase dois anos de atividades remotas, nós, da equipe administrativa, cuidamos como possível das pessoas, com ações virtuais de saúde e acompanhamento, e do nosso prédio, requalificando os ambientes, fazendo reformas importantes nas salas, na rede elétrica e de internet e adquirindo insumos como álcool gel, só para dar alguns exemplos.

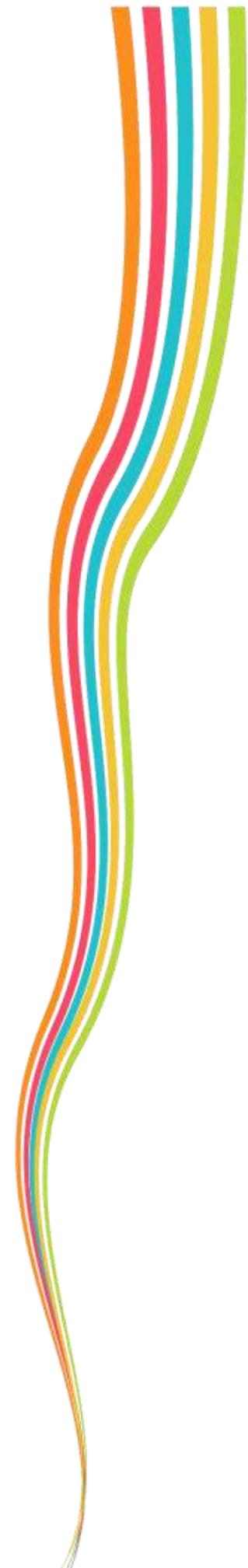
Cientes da necessidade de cumprir com máximo rigor os protocolos de biossegurança, buscamos, e temos recebido, apoio da prefeitura municipal de São Francisco do Conde, especialmente através das Secretarias de Educação, Saúde, Governo e Planejamento e Desenvolvimento Econômico para viabilizar ações conjuntas de adequação de espaços, testagem em massa, acompanhamento e complementação de esquema vacinal de estudantes e servidores, ações de prevenção, monitoramento e acompanhamento de pessoas sintomáticas, apoio para combate à especulação imobiliária, entre outras ações em parceria para funcionamento dos cursos de graduação e do mestrado.

Não tem sido fácil, especialmente para uma unidade tão pequena e com tantas fragilidades como a nossa. Todo o planejamento, nesta conjuntura, é passível de suspensão caso os governos municipal, estadual e federal, bem como os Conselhos Superiores da UNILAB, alterem as normativas vigentes em função de agravamento da pandemia. Seguimos atentos e sensíveis, na certeza de que resistiremos, como Malês que somos, sempre, como nas lições de Paulina Chiziane, no poema Caminha:

***São ainda cruéis os combates pela existência
Por muitas que sejam as armadilhas, caminha
Navega sobre o rio que brota das tuas lágrimas
Não temas o redemoinho de ondas bravas, caminha
[...].***

Sigamos caminhando com esperança.

Malês resiste!



Com a palavra...

A Representação discente do Curso de Letras

Por Mirian Brito e Janaína Costa



Até o dia 10 de março está previsto a chegada dos estudantes internacionais de nacionalidade angolana, guineense, moçambicana, santomense, caboverdiana, e timorense das entradas 2020.2 2021.1 e 2021.2 para a UNILAB Campus dos Males, na Bahia. Alguns desses estudantes aguardam a chegada ao Brasil desde 2020 pois ficaram impossibilitados de vir por conta da pandemia gerada pelo vírus da covid-19.

Os estudantes nacionais e internacionais passaram por muitas dificuldades durante todo o semestre remoto por falta de produtos tecnológicos, acesso à internet e o fuso horário entre o Brasil e os países Africanos. Vamos conhecer alguns de nossos colegas internacionais?

Martynho Lutero
Curso: Letras e língua
portuguesa
Nacionalidade: guineense
Entrada 2020.1



Juliana Pindi Pululu.
Angolana. entrada 2020.2
Curso de Bacharelado
Interdisciplinar em
Humanidades



Luzia Suca Antonio
Maweza, Angolana, Curso
de Bacharelado
Interdisciplinar em
Humanidades - entrada
2021.1



Milton Silvio Damião
Binga, Angolano. Curso:
Letras - Língua Portuguesa,
entrada: 2020.2



Esses estudantes internacionais entrarão no processo de acolhimento estudantil que terá início em março e se estenderá até o mês de maio. As inscrições para os estudantes acolhedores que desejam participar do compartilhamento de moradia estão abertas até o dia 20 de fevereiro no site da UNILAB.

A representação discente do Curso de Letras informa, ainda, que a atividade que seria realizada no dia 22 de fevereiro foi alterada para o dia 23, para não chocar com as atividades do NULIM. O evento contará com a presença de docentes do campus, ex-estudantes do Curso de Letras da UNILAB e um convidado externo que nos trará grandes conhecimentos.



Prezad@s,

Estamos encerrando 2021.1 e a Coordenação do Curso de Letras gostaria de desejar a todxs vocês um bom final de semestre e um bom recesso. Passamos mais um semestre distantes, mas a perspectiva de nos encontrarmos novamente se avizinha.

Aos formandos, desejamos sucesso nessa nova etapa que se inicia. Concluir o curso de graduação, especialmente no cenário dos últimos anos, é motivo de orgulho e celebração. Sabemos que serão excelentes profissionais de Letras e que irão trilhar seus novos caminhos com maestria, seja nas salas de aula, seja na pós-graduação. Vocês fazem parte da história deste Curso de Letras e, da mesma forma que esta universidade fez diferença na vida de vocês, cada um e cada uma também deixou sua marca na Unilab. Temos muito orgulho de todxs.

Aos que continuam, no próximo semestre começaremos a planejar a nossa V Semana de Letras e pedimos aos/às estudantes que desejam fazer parte da Comissão Organizadora que fiquem atentxs à divulgação e às datas. Mais uma vez, queremos que vocês sejam xs protagonistas deste evento e incentivamos o envolvimento e a participação de vocês.

Que continuemos nos cuidando e cuidando dos nossos. Fiquem bem e com saúde!

Até 2021.2!

Abraços,

Wânia e Lavínia





O Ponto



Dúvidas?
Críticas?
Sugestões?

Quer fazer parte de nossa equipe?

jornaloponto@unilab.edu.br

Siga-nos em nossas redes sociais

